



***MASCULINIDADES EM DEBATE: A METROSSSEXUALIDADE NO ESPECTRO
ENTRE A SUBALTERNIDADE E A HEGEMONIA***

***MASCULINIDADES EN DEBATE: LA METROSSSEXUALIDAD EN EL
ESPECTRO ENTRE SUBORDINACIÓN Y HEGEMONÍA***

***MASCULINITIES IN DEBATE: THE METROSSSEXUALITY IN THE SPECTRUM
BETWEEN SUBORDINATION AND HEGEMONY***

Jorge Luiz Da Silva Alves¹

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo fomentar o debate sobre as masculinidades e suas interações internas. Partindo dos pressupostos dos Estudos de Gênero e dos estudos que englobam as masculinidades, procuramos perceber de maneira mais profunda, como as relações entre o modelo de masculinidade hegemônica e os modelos subalternos se dão na prática, para além de uma relação pautada apenas na opressão. Para tanto discutimos uma suposta crise masculina, crise esta que teria gerado um “Novo Homem” uma nova possibilidade de vivenciar a masculinidade na contemporaneidade. Em meio ao neoconservadorismo que cresce de maneira avassaladora, as discussões sobre papéis sociais, sexuais dentre outros, nunca foi tão importante para a compreensão das construções culturais acerca de papéis sociais ideais de feminilidade e masculinidade nas sociedades. Com isto, nos propomos a perceber como a metrosssexualidade atua no espectro da dinâmica interna das masculinidades, se constituindo como um modelo possível de hegemonia.

¹ É Graduado em História - Bacharelado e Licenciatura - (2016) pela Universidade Federal de Goiás - UFG/ Regional Catalão. Foi professor do ensino fundamental e médio do CEPI Militar Polivalente Dr. Tharsis Campos de (2016-2018), desenvolvendo trabalhos na área de História, Arte, Feminismo e Racismo. É pesquisador do grupo de pesquisa Dialogus - Estudos Interdisciplinares em Gênero, Cultura e Trabalho da UFG Catalão.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades. Gênero. Metrossexualidade.

RESUMEN

Este documento tuvo como objetivo fomentar el debate sobre las masculinidades y sus interacciones internas. Partiendo de los supuestos de los Estudios de género y los estudios que abarcan las masculinidades, buscamos comprender más profundamente cómo las relaciones entre el modelo de masculinidad hegemónica y los modelos subordinados ocurren en la práctica, además de una relación basada solo en la opresión. Con este fin, discutimos una supuesta crisis masculina, una crisis que habría generado un "Hombre Nuevo", una nueva posibilidad de experimentar la masculinidad en los tiempos contemporáneos. En medio del creciente neoconservadurismo, las discusiones sobre roles sociales, sexuales y otros nunca han sido más importantes para comprender las construcciones culturales sobre los roles sociales ideales de la feminidad y la masculinidad en las sociedades. Con esto, proponemos comprender cómo actúa la metrosexualidad en el espectro de la dinámica interna de las masculinidades, constituyéndose como un posible modelo de hegemonía.

PALABRAS-CLAVE: Masculinidades. Género. Metrosexualidad.

ABSTRACT

This work had as objective to foster the debate on masculinities and their interactions with hosts. On the basis of the assumptions in the Study of Gender and education, which encompass masculinities, we seek to understand in a deeper way, the relationship between a model of masculinity, theory, and models of non-commissioned, if they do, in practice, in addition to a relationship that is based only on the pressure. So far we have discussed the supposed crisis in male, the crisis would have generated a "New self" this is a chance to live up to the masculinity in the contemporary times. In the middle of the neoconservadurismo that grows out of a way, mind-blowing discussion on the role of social, sexual, and so on, it has never been so important to the understanding of the cultural constructions about the roles of the social ideals of femininity and masculinity in society. With this, we have to understand how to metrosexuality acting in the scope of the internal dynamics of masculinities, being a model is possible and needed.

KEYWORDS: Masculinities. Gender. Metrosexuality.

* * *

*[...] Sim, eu trago o fogo,
o outro,
aquele que me faz,
e que molda a dura pena
de minha escrita.
é este o fogo,
o meu, o que me arde
e cunha a minha face
na letra desenho
do auto-retrato meu.
Conceição Evaristo*

Introdução

Conforme vimos anteriormente, na segunda metade do século XX, a crítica feminista foi a principal combatente da concepção essencialista a respeito da sexualidade. Levantou-se a compreensão de que os sexos não definem comportamentos sociais, mas sim gênero, que, apesar de perpassado pela sexualidade, é construído e delimitado cultural e socialmente. Abriu-se, a partir daí um espaço voltado para a reflexão sobre a construção social dos gêneros, questionando seus padrões até então pensados como “naturais”. Esta diferenciação é fundamental para a compreensão da masculinidade, uma vez que esta também passou a ser compreendida e entendida como uma construção social.

Connell (2013) aponta que, embora a noção do provedor masculino seja historicamente datada, os estudos de gênero sobre os homens, nos anos 1970, a universalizaram, supondo que esta noção sempre foi uma parte central do ser masculino. Durante muito tempo, os homens foram inseridos nos estudos segundo este modelo, repetidamente chamado de patriarcal. Dentro dele, o homem era considerado dominador e visto como universalizado por intermédio de um poder que o definia como homem com “H” maiúsculo. Ao mesmo tempo, este modelo relacionava à mulher as emoções e ao mundo privado, considerada dependente, obediente, entre outros aspectos. No entanto, esses estudos, ao tratarem os homens como opressores e as mulheres como oprimidas, estavam reproduzindo o que eles mais criticavam: o binarismo, ainda que pela forma de um poder específico.

Dada a frequente experiência feminina com a dominação masculina, a entrada dos homens no debate teórico acerca das questões de gênero foi vetada inicialmente. No entanto, houve um grande contraste entre o veto da participação masculina nas discussões e a atenção dada ao poder masculino nas análises que se seguiram nos estudos de gênero realizados por mulheres. Porém, percebe-se que esse veto começou a ser diluído, já que:

Apontam que os primeiros homens a se alinharem com o movimento de libertação feminista e aplicar suas técnicas de reflexão foram os ativistas gays. Também produto dos estudos gays, o conceito de masculinidade hegemônica sugere que são grupos específicos de homens, que são oprimidos no âmbito das relações patriarcais sexuais. (GIFFIN, 2005, p. 50).

Sem negar a dominação masculina, a entrada dos homens nos estudos de gênero, enquanto sujeitos históricos produtores desses estudos, em um contexto permeado pelos rastros da década de 1960, trouxe discursos importantíssimos a respeito de várias questões do universo masculino, que antes não eram vistas no homem universalizado em seu papel de opressor. (GIFFIN, 2005). No entanto, as dificuldades em focar a masculinidade como objeto de pesquisa no cenário nacional ainda são bem visível. O que faz com que os/as pesquisadores/as que enfocam nesses estudos das masculinidades configurem uma perspectiva inovadora no cenário historiográfico nacional (BOTTON, 2007). Embora os estudos que focalizam o homem como objeto de pesquisa estejam consolidados na Europa e nos Estados Unidos, na América Latina foi só a partir dos anos 1980 que se fizeram presentes. No Brasil, causando certo alvoroço, irá se constituir enquanto um campo de pesquisa a partir da década de 1990, mantendo-se no início do século XXI.

O surgimento e eclosão desses estudos segundo vários autores mantém em grande medida relação com a modificação do lugar da mulher nas sociedades ocidentais, que provocaria um questionamento de padrões tradicionais de masculinidade. Está de modo mais ou menos explícito em sua maioria, a ideia de que há uma crise que envolve a vida pessoal dos homens em função dos papéis que desempenham, como querem alguns autores, ou mais direcionada à própria estrutura do modelo patriarcal, constantemente questionado, como querem outros. (ALVES, 2005, p. 2).

Nesses estudos, a masculinidade, compreendida nos moldes biológicos, não se faz mais presente, sendo percebida como uma construção sociocultural e histórica. A partir disso, percebemos como as relações entre homens e mulheres não são embates entre grupos homogêneos. Isso é percebido na medida em que grupos específicos habitam posições de poder e constroem sua hegemonia a partir de uma ampla luta social, legitimando e reproduzindo as relações que resultam em opressão. (ALVES, 2005).

A masculinidade é uma construção social que varia em diferentes culturas e através do tempo. Seu significado também se modifica ao longo da trajetória de diferentes homens. (KIMMEL apud ALVES, 2005). A partir disso, teóricos conceituaram uma masculinidade hegemônica, mostrando como uma pluralidade de masculinidades, estruturadas em torno das categorias de classe, geração, raça e expressão sexual, transitam nas relações de poder estabelecidas, situando as diferenças (distintos homens em distintos lugares) perante a dominação, que resulta em opressão.

Logo, o que temos aqui é a quebra do homem universalizado em um sentido essencialista. “Em sintonia com algumas críticas pós-estruturalistas e pós-modernistas, levantaram-se questionamentos quanto à universalidade desta supremacia masculina declarada, uma vez que se encontravam diversas incompatibilidades entre os modelos de poder masculino e a vivência de inúmeros homens.” (BOTTON, 2007, p.114).

Kimell (apud ALVES, 2005) ainda diz que embora as masculinidades variem com diferenciações internas de raça, classe, etnia ou orientação sexual, todas significam não ser como as mulheres. Logo, isso acaba levando a condutas exageradas por parte dos homens, em busca da supremacia de sua identidade que precisa ser resolvida diante dos outros homens. Elisabeth Badinter (1996) lembra-nos que geneticamente “é o homem que gera o homem” (p. 99), já que o cromossomo Y que define o sexo masculino é transmitido pelo pai. Para ela, o homem tem um papel importante na construção da identidade masculina, pois se trata de um processo difícil, na medida em que a masculinidade vem sendo definida pelo “não ser”: não ser feminino, não ser dócil, não ser homossexual. No entanto, para que esse processo seja mais bem compreendido, é necessário fazer uma análise de como são representadas essas masculinidades e o que elas representam. Uma das dificuldades que esta análise encontra é a datação do conceito de masculinidade, já que mesmo existindo um registro cultural de gênero, o conceito de masculinidade é recente, o que interfere nas abordagens a respeito da temática, causando alguns altos e baixos nas discussões provenientes dessas análises iniciais. No entanto, para além dessa dificuldade, podemos dizer também que há uma engrenagem interna, difícil de ser tratada, já que o processo de formação dessas masculinidades não é nada fácil. Louro (2000) lembra que homens e meninos são vigiados constantemente e passam por um processo de masculinização: não podem chorar ou terem afeto. Dessa maneira “pouco importa sob quais bases foi fundada essa representação; o que importa é que ela teve e ainda tem efeitos na produção de sujeitos masculinos e femininos” (LOURO, 2000, p. 53). Assim, as mulheres surgem em sistemas de relações de gênero, por isso é preciso centrar as investigações sobre a masculinidade nos processos e relações pelas quais os homens e as mulheres levam vidas permeadas pelo gênero.

Connell (2013) resume a masculinidade concomitantemente à posição nas relações de gênero, às práticas pelas quais homens e mulheres se comprometem com esta posição de gênero e aos efeitos dessas práticas na experiência corporal, na

personalidade e na cultura. Em outro trabalho, Connell (1995) afirma que a posição dominante dos homens na ordem do gênero tem um custo material e que não podemos subestimar a dimensão desse custo, pois não é fácil para os homens (nem para as mulheres) romperem seus rígidos padrões de gênero e sexualidade.

A partir de toda essa dificuldade em romper os papéis sexuais, homens e mulheres vivem problemas internos em seus grupos divididos pelo sexo. Logo, temos especificidades e pluralidades dentro desses grupos em relação a homens e mulheres. Essa pluralidade, reconhecida nesses grupos, influenciou e muito a formação de vários caminhos para as pesquisas na área do gênero, bem como outras e também a elaboração de conceitos e categorias de análises para abordagens mais eficazes.

Ao assumir que há várias masculinidades, Connell (2013) dá uma nova forma para o conceito de masculinidade hegemônica, a qual representa a forma com que uma determinada masculinidade, em cada tempo-espaço, se destaca em relação a outras. Na definição de masculinidade hegemônica, o autor parte do termo hegemonia, derivado da análise de Gramsci sobre as relações sociais de classe, atribuindo-lhe um caráter passível de transformação, visto que se apresenta como um modelo disputável entre segmentos distintos de homens. “A sobreposição entre masculinidades também pode ser vista em termos dos agentes sociais construindo masculinidades”. (CONNELL, 2013, p. 253).

Para Connell, a hegemonia só se estabelece se há alguma correspondência entre o ideal cultural e o poder institucional coletivo. Por isso refere-se às relações de subordinação, cumplicidade e marginalização entre os homens. A partir dessas subdivisões, e, considerando o grupo de homens, a masculinidade homossexual representaria o status mais baixo em uma hierarquia de gênero e de sexualidade, mas não é a única. Embora o número de homens que rigorosamente se inserem nos padrões hegemônicos seja bastante reduzido, boa parte deles tem alguma conexão com o projeto hegemônico, o que configura uma cumplicidade, mas não interioriza plenamente a masculinidade hegemônica. Ou seja, a maioria dos homens oferece um suporte para o projeto hegemônico, isto é, uma masculinidade cúmplice. (CONNELL, 2013).

Logo, o gênero está na base das relações de poder, e os homens, enquanto o grupo dominante dessas relações, possui interesse na manutenção desse poder, enquanto as mulheres estão interessadas na mudança de tais relações. Concorrendo com outras formas de masculinidade, o padrão hegemônico concorre à autoridade e à violência, que

também sustenta a autoridade, mostrando a imperfeição desse modelo. Para Connell (2013), uma hierarquia completamente legítima teria menos necessidade de intimidar.

Com a formulação do conceito de masculinidade hegemônica, foi fomentada uma vasta gama de pesquisas que utilizaram o conceito.

O conceito também foi usado nas pesquisas sobre as representações do homem na mídia, por exemplo, nas interconexões entre o esporte e os imaginários de guerra. Como o conceito de hegemonia ajudou a dar sentido tanto à diversidade como à seletividade das imagens na mídia de massa, os estudiosos da mídia começaram a mapear as relações entre diferentes representações de masculinidades. (CONNELL, 2013, p. 246).

A partir dessas diferentes representações e vivências da masculinidade, percebemos o engendramento de uma teia de poderes e concorrências entre as múltiplas masculinidades que se defrontam com o modelo hegemônico. Dessa forma, percebemos que a resistência não se encontra presente apenas na feminilidade. Dentro de todo o universo da dominação masculina há também relações de dominação e subordinação, até mesmo entre grupos de homens. A sobreposição dos homens heterossexuais em relação aos homens homossexuais é o exemplo mais forte que temos a partir da análise dessas relações. Vista como a masculinidade subordinada mais destacada e mais relacionada à feminilidade, esta masculinidade sofre várias exclusões, boicotes, abusos, discriminação e uma enorme estigmatização em relação a vários segmentos da sociedade.

Almeida (1995) diz que para além da “inferioridade” das mulheres, a masculinidade hegemônica tem como uma de suas principais características a homofobia. Como “a masculinidade é frágil”, a maneira mais comum de agredir a homossexualidade é na linguagem, agredindo o homem ao associá-lo com o feminino, recurso que é utilizado em todas as relações competitivas e conflituosas entre homens, no trabalho, negócios, jogo, entre outras esferas. No entanto, o autor constata que no cotidiano as coisas não são tão rígidas, pois um homem pode até ter certos comportamentos, emoções ou atividades “feministas” e vice-versa. Não pode é possuí-las ou exercê-las exclusivamente, o que o excluiria da masculinidade. Nesse sentido, as masculinidades são fluidas como as relações de gênero, e a resistência pode ser exercida por novos grupos de homens e/ou de mulheres. A hegemonia patriarcal não se configura com pilares eternos, é historicamente mutável. No entanto, temos que estar atentos/as,

pois, como vimos nas análises de Joan Scott (1995), as modificações podem não significar igualdade.

Connell (2013) destaca ainda que, conforme muitos autores exaltam, estamos diante de uma atual tendência de crise de paradigmas dos padrões de gênero, mas não diante de uma crise de masculinidade. Isso porque “crise” pressupõe um sistema coerente, e a masculinidade não é um sistema coerente: é, antes de tudo, uma configuração de práticas dentro de um sistema de relações de gênero. Falar de uma crise de masculinidade abrangeria uma tentativa de restaurar uma masculinidade dominante. No entanto, essa crise de que tanto se fala será o assunto do próximo capítulo, onde no qual tentaremos esclarecer ponto a ponto desse debate que fundamenta uma grande importância para o sucesso deste trabalho.

Crise da Masculinidade

Devido a certa tradição de estudos, remeter aos homens o papel unicamente de opressor, questões ligadas à masculinidade foram a princípio vetadas de uma reflexão mais profunda e só começaram a ser pensadas à medida que alguns estudiosos homens, geralmente ativistas gays, começaram a se alinhar com o movimento de liberação feminista (GIFFIN, 2005, p. 50). A entrada dos homens nos estudos de gênero, enquanto sujeitos históricos produtores desses estudos, acarretou pesquisas importantíssimas que pensaram vários aspectos relacionados ao homem e seu cotidiano. No entanto, devido ao início tardio, e até mesmo certa resistência à temática, focar a masculinidade enquanto um objeto de pesquisa ainda é difícil, e no âmbito nacional esta dificuldade é percebida de uma forma mais acentuada.

No final dos anos 1980 e início dos anos 1990, pesquisas sobre homens e masculinidade estavam se consolidando como um campo acadêmico, apoiado por uma série de conferências, pela publicação de livros e revistas acadêmicas, e rapidamente expandiu a agenda de pesquisas nas ciências sociais e humanidades. (CONNELL, 2013, p. 245).

No entanto, essas pesquisas não tiveram o mesmo efeito que as questões femininas, já discutidas há mais tempo e com uma preocupação maior demonstrada por parte das/os pesquisadoras/as. Talvez por isso a diferença entre a dinâmica das pesquisas. Esta certa falta de vigor na produção de estudos voltadas a pensar o homem e o masculino foi percebida por pesquisadoras/as durante muito tempo, tanto no âmbito mundial quanto no nacional.

Visto por muito tempo como um sujeito pronto e imutável, definido como algo que possuía uma essência intransponível, o homem foi colocado em um lugar, onde velhos conceitos são reafirmados sempre como se, diferente do feminino, este não sofresse as mudanças ocorridas nas sociedades.

Talvez um reflexo disso seja o relativo atraso dos estudos das masculinidades no Brasil, quando comparado aos estudos de gênero que tratam do feminino, dos homossexuais, transexuais, etc. Felizmente esta situação tem mudado. Ao realizar uma pesquisa na base de dados do Scielo há dois anos, usando como única entrada “masculinidades” poucos artigos apareceram. E estes poucos estavam centrados em poucas temáticas. Violência e saúde eram de longe as dominantes, talvez acompanhando preocupações dos órgãos públicos em torno da violência praticada por homens e contra os homens e uma crescente ação do Ministério da Saúde como o programa “Saúde do Homem”. A mesma pesquisa feita hoje deu um resultado bastante diferente. Primeiro se constata um salto enorme no número de artigos; e em segundo, uma diversificação dos temas tratados. (CUNHA, 2013, p. 9).

É inegável a contribuição dos estudos de gênero no que tange a compreensão da construção dos papéis sociais e culturais de homens e mulheres. Nesse sentido, o surgimento dos “Men’s Studies” acarretou uma produção científica significativa no campo dos estudos de masculinidades. Muito se discutiu sobre a masculinidade e suas ramificações, além do papel desta no patriarcado e suas consequências. Passando pela pluralidade de masculinidades, chegando a um conceito de uma masculinidade hegemônica, várias foram as contribuições de estudos que centravam o homem e as masculinidades.

No entanto, essas contribuições mostraram-se cada vez mais complexas, na medida em que novos conceitos eram formulados e novas pesquisas surgiam com perspectivas distintas, e a demanda social também se fazia presente. Recortes de raça, classe, sexualidade eram algumas dessas complexidades. Tornou-se visível que para além da opressão feminina, existiam relações complexas no interior das masculinidades, “Comparadas com as formulações originais do conceito, pesquisas contemporâneas mostraram a complexidade das relações entre diferentes construções da masculinidade.” (CONNELL, 2013, p. 264). Apesar de esta complexidade ser reconhecida há muito tempo, começa a se tornar um objeto de pesquisa de maneira gradual. (idem)

Talvez esse construto acerca do masculino tenha se dado pelo fato de que os homens enquanto temática / objeto de análise tenham sido analisados nos estudos de gênero apenas enquanto opressores no patriarcado. Miriam Grossi (1995) aponta que

inúmeros estudos sobre a sexualidade masculina buscaram refletir a fragilidade do modelo de masculinidade predatória, no caso em que homens são confrontados com a impotência ou com a epidemia da AIDS. Percebemos então que a questão das relações de poder engendradas no seio das masculinidades foram questões de ordem secundária nesta área de pesquisas.

Dentro dessa complexidade, identifica-se uma produção científica direcionada a pensar uma suposta crise da masculinidade, identificada por alguns teóricos por volta da década de 1960. Como nos aponta Dario Caldas (1997), mudanças de comportamento e crise da identidade masculina são temas que cada vez mais transpõem os muros das universidades e também de grupos especializados, o que têm ajudado a temática a ganhar cada vez mais terreno entre as preocupações do homem comum.

Essa suposta “crise masculina” tem sido percebida por intermédio do estabelecimento e fixação de novos comportamentos e modos de ser e viver, e pode ser notada, sobretudo na mídia e nos meios de comunicação em geral a partir da expressão de uma nova maneira de ser homem, intitulado em sua maioria como o “novo homem”.

Refletindo um movimento considerado irreversível pelos estudiosos – o desaparecimento do modelo de Homem produzido pela sociedade patriarcal, abrindo espaço para o surgimento de um “novo homem” –, a mídia, e principalmente os cadernos de comportamento dos grandes jornais, vem tratando com insistência do assunto, buscando delinear os contornos daquele que, no fundo, ainda é um desconhecido. (CALDAS, 1997, p. 9).

A suposta crise teria seu início marcado por volta dos anos 1960, período que podemos incluir os movimentos de liberação feminina, movimento gay e o movimento negro. Resultado dessas resistências e subversões, o mal-estar das identidades masculinas, crise da masculinidade, crise masculina, crise de identidade masculina, ou como nos indica o livro organizado por (COURTINE, 2013) uma “crise de virilidade” teria ocorrido “[...] em todo o ocidente que logo vai se expressar, na virada dos anos de 1960, teatro de tantas subversões na definição das identidades sexuais, um mal-estar na parte masculina da civilização.” (COURTINE, 2013, p. 7).

Assim, essa crise seria caracterizada por travar uma batalha contra um grande leque de possibilidades de vivências masculinas, deixando os homens sem um modelo imutável, estável e dominante.

Nos últimos anos, tem se discutido acerca da atual crise da masculinidade. O novo homem estaria em crise porque não encontraria modelos identitários hegemônicos para descrever sua nova condição masculina. Os reflexos dessa crise se devem à maior

participação das mulheres no campo do trabalho, do avanço da tecnologia no campo da sexualidade, na pluralidade de papéis e identidades sexuais, na redefinição do papel de pai, na maior preocupação com o corpo e com a estética e a tentativa de manter e sustentar um modelo hegemônico único no papel masculino. (SILVA, 2006, p. 119).

Com certa divergência de ideais nas várias colocações que surgem para dar uma resposta mais qualificada para este “mal-estar masculino”, que varia desde a mudança no papel de pai, até as questões relacionadas à saúde masculina. A crise da identidade masculina tem sido pensada a partir de um reflexo do empoderamento das mulheres no mundo do trabalho e de uma maior divisão de poder e responsabilidades entre os sexos. Assim, embora as mudanças ocorressem para ambos os gêneros, a identidade masculina teria sido profundamente influenciada pelas alterações ocorridas na identidade feminina.

O homem, nesse panorama, embora não tenha proposto nenhuma revolução, é atingido pela revolução que as mulheres realizaram a partir de meados do século XX. Assim, diante das conquistas femininas, o sujeito masculino é chamado a se posicionar, mas, ao perder sua identidade sólida, ele sente-se perdido. (BONÁCIO, 2012, p. 239).

Isso ocorreu porque após o advento do movimento feminista, um único modelo tradicional de masculinidade não conseguia mais se manter diante das diversas mudanças que ocorreram em várias esferas, como o trabalho, as relações afetivas, sexuais e também as sociais. Silva nos diz que “Nos países mais desenvolvidos, a celeuma provocada pelo movimento feminista provocou uma outra ainda maior, desta vez por parte dos estudos masculinistas em defesa de melhor definição da identidade do homem contemporâneo, conformando, assim, a atual crise da masculinidade.” (2006, p.126). O autor ainda afirma que uma das principais críticas aos novos modelos de masculinidade fomentados pela literatura que aborda o masculino seria a redefinição do papel de pai do homem contemporâneo.

Segundo a revisão da literatura a que procedemos, a maioria dos autores apontam o fato de que, com o desenvolvimento do movimento feminista, houve uma preocupação com a definição do papel de homem – pai, visto que este tem-se moldado à nova conjuntura política, social e econômica maciça das mulheres no mercado de trabalho e na vida pública. Na busca por essa (re) definição, estudos sobre paternidade aparecem como no campo particular de ações e investigações. A participação mais efetiva dos homens no cotidiano com as crianças, aparece sob a égide da expressão nova paternidade”. (SILVA, 2006, p. 126)

Nessa nova literatura sobre os homens e aos novos modelos de masculinidade constituídos nas sociedades ocidentais, muitas críticas vêm sendo feitas. Começando pelas questões de gênero, passando pela violência, amor, emoções, paternidade, honra, virilidade, trabalho entre vários outros aspectos, que de uma maneira ou outra, forjaram, por vários séculos, a identidade masculina.

Para Nolasco, o espaço que a condição masculina vem conseguindo gradativamente por meio de debates e análises, realizados na literatura especializada e na mídia, têm feito com que se diminuíssem os sentimentos de estranheza e desconforto gerados inicialmente, o que permitiu um novo olhar sobre a crise masculina. Agora esta vem sendo percebida não mais como uma abordagem individual, mas também como parte de uma crise de valores sociais (1997, p.15). Ainda neste caminho, Nolasco (1997) descreve como a sociedade tem sua base no materialismo, no consumismo, e também discorre sobre a valorização do privado, e da certeza de que todos os problemas possuem soluções exclusivamente individuais. Também aborda a questão das crises das famílias, as drogas, a violência e o desemprego, além da sobreposição dos valores materiais sobre os afetivos, e da competição sobre a solidariedade.

A crise masculina se define diante dessa transição e pode ser compreendida como uma tentativa, uma possibilidade para os homens diferenciarem-se do padrão de masculinidade socialmente estabelecido para eles. Essa crise representa a quebra do cinismo a respeito da existência de um homem de verdade em torno do qual todo menino é socializado. (NOLASCO, 1997, p. 16-17).

No entanto, se esse desconforto tem sua gênese na liberação feminina, poderíamos nos perguntar se essa crise não seria a reafirmação e a naturalização dos papéis construídos como base do patriarcado. Segundo Badinter (1996), se a masculinidade ensina-se e se constrói constrói-se, não há dúvida de que ela pode mudar. No século XVIII, um homem digno desse nome podia chorar em público e ter vertigens; no final do século XIX, não o pode mais, sob pena de comprometer sua dignidade masculina. O que se construiu pode, portanto, ser demolido para ser novamente construído, se a masculinidade pode ser construída e ensinada, não há dúvidas de que ela possa sofrer mudanças. No século XVIII, um homem digno desta nomenclatura podia chorar, demonstrar seus sentimentos e também ter vertigens em público; no final do século XIX, isto já não era mais possível, pois havia agora uma possibilidade de comprometimento de sua dignidade masculina. Logo, o que foi construído pode, portanto, ser desconstruído para ser reconstruído novamente. Esses ideais de

masculinidade sustentaram-se, bem ou mal, até os dias de hoje, mantendo sempre uma relação de poder sobre as mulheres, até meados da década de 1960. A partir de então, os *men's studies* e a literatura que aborda a temática tentaram propor soluções para essa crise masculina, como por exemplo, um modelo de masculinidade mais próximo ao de feminilidade (SILVA, 2006, p.126).

O modelo proposto neste momento para o novo homem teria sua base na capacidade de demonstrar seus sentimentos, de poder se emocionar, amar, chorar; enfim, expressar-se sentimentalmente em público sem constrangimento. Assim, este “novo homem” também poderia substituir sua agressividade pela sensibilidade, ocupar cargos e executar tarefas antes considerados femininos. Nesse panorama, também estaria em processo de mudança o seu papel no plano privado/doméstico, antes administrado apenas pelas mulheres². Nele, o homem era apenas o patriarca, provedor financeiro do lar e por isto, figura emblemática e autoritária no patriarcado. Nesta nova perspectiva, o novo homem também alteraria a forma de ser pai, assumindo um novo papel no cuidado e educação dos filhos. Temos aqui então dois projetos de sujeitos ocupando lugares que lhes eram negados desde a infância.

Além dos movimentos de contracultura, o capitalismo também fomentou as mudanças nos papéis de gênero. A entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho foi um dos maiores fatores para a fortificação da emancipação feminina e também uma das razões apontadas como uma das maiores causadoras da crise masculina. Nesse sentido, a sociedade do consumo também se propôs a fomentar este novo modelo, ao propor um paralelo entre este modelo e o consumo de grifes, produtos de beleza, carros, motos, viagens; um homem que demonstraria um cuidado maior com a estética e com a saúde.

Crise de identidade?

Nesse sentido, percebemos um grande esforço por parte da mídia, para fomentar este modelo “novo homem”, sobretudo no que tange demonstrar o caráter do consumo deste, resultando na figura do metrosssexual, a ser discutida posteriormente. Tal esforço não pode ser percebido como um processo sem impactos ou interesses. Neste processo, devemos entender a mídia como uma rede que interliga novelas, séries, propagandas e

² Enquanto um domínio é o público, marca de poder, dominação e razão predicados naturalmente masculinos, temos o outro lugar o privado, marca de delicadeza, submissão e sentimentos que fariam das mulheres seres menos racionais.

revistas por intermédio da qual se congregam discursos na compreensão de como este novo homem se configura diante de todas as colocações e certezas constituídas.

Em sua maioria, tais discursos convergem na construção de um homem completamente diferente daquele constituído no patriarcado, “Tais discursos desconstroem a “velha” imagem masculina de indivíduo forte e machista. ” (BONÁCIO, 2012, p. 232). Porém, se de um lado esses discursos desconstroem a velha imagem do homem forte e machista construído no patriarcado, de outro, denotam um grande abismo no centro de convergência das masculinidades, ao criar um modelo que não considera as subjetividades que dão sentido as identidades masculinas. “Os elementos discursivos que concorrem para isso empregam estratégias linguísticas altamente excludentes e idealizadas. ” (BONÁCIO, 2012, p. 232).

Da mesma forma como ocorre com as mulheres, o novo homem proposto pela mídia é um modelo de difícil acesso e incorporação plena para a maioria dos homens, gerando insatisfações e sentimentos de incapacidade. Assim, ao mesmo tempo em que este novo modelo é proposto, também se critica tal proposição, não só por sua excludência, mas também pela insuficiência em atender a demanda masculina. “Mas, se assim o fosse, porque a necessidade de recuperar a masculinidade por parte de alguns homens? Ou por que a necessidade de se buscar, em grupos psicoterápicos, um novo modelo de ser homem? ”. (SILVA, 2006, p. 127).

Estamos falando realmente de uma crise de identidade? Para Courtine (2013) haveria um paradoxo da virilidade na contemporaneidade, na medida em que a representação masculina baseada na força, na autoridade e no domínio foi contestada e tenha acabado por parecer instável e frágil.

E que o paradoxo no qual ele acaba por se tornar um problema é o efeito de uma contradição entre o “modelo arcaico dominante” e o conjunto das transformações políticas, sociais e culturais que reclamaram, ao longo do século, dos homens assim como das mulheres, uma redefinição das identidades sexuais que desse lugar à igualdade e à partilha. (COURTINE, 2013, p. 11).

Partindo desse pressuposto, e visto que homens e mulheres foram afetados pelas mudanças provenientes das propostas de emancipação travadas pelo movimento feminista na década de 1960, deveríamos nos perguntar por quê debatemos somente sobre uma suposta crise masculina, ao invés de debatermos sobre uma “crise feminina”. O fato é que mesmo ambos tendo sido afetados, a alteração nos papéis de gênero foi a

grande causa deste mal-estar masculino. Trata-se não de uma crise identitária, mas de poder.

A crise masculina vai além de uma crise de identidade. Como é trabalhado por vários autores, essa crise configura-se em um novo homem que não atenderia a demanda masculina contemporânea.

A tentativa de redescrição a partir do viés da identidade sexual e de gênero não consegue dar conta da maioria das singularidades de todos os homens, pois necessariamente nem todos conseguem se ver totalmente no modelo tradicional, nem totalmente no modelo que chamaríamos contemporâneo de masculinidade. (SILVA, 2006, p. 127).

Para Silva (2006) produzir uma nova identidade seria tentar encerrar as subjetividades dos sujeitos em modelos sociais e culturais que não correspondem à contingência que vivemos, visto que todo e qualquer papel social mudaria de acordo com a conjuntura histórica, fazendo com que, o que hoje é desqualificado, amanhã possa ser recomendado. Concordamos com o autor na medida em que entendemos que o sujeito não possa ser aprisionado a um modelo identitário que não seja compatível com sua realidade, mas também entendemos que é praticamente impossível fugir dos modelos sociais e culturais colocados diante desses sujeitos.

Priorizar uma identidade masculina despida de qualquer natureza também não nos parece possível, pois priorizar esta ou aquela maneira de definir o sujeito é fazer com que o cidadão comum, o sujeito típico, sofra duplamente ou por não conseguir alcançar o que lhe é solicitado pela mídia, pela indústria da moda, pela cultura da imagem e pela sociedade de consumo, ou por não se achar qualificado diante do apelo dessa mesma cultura que criou seus modelos sociais e identitários. (SILVA, 2006, p. 129).

Sabemos que os padrões colocados diante dos sujeitos são sempre muito rígidos e na maioria das vezes, inalcançáveis. Por outro lado, esses sujeitos contribuem no recebimento, edificação e legitimação desses padrões. Ao fazer isto, os sujeitos contribuem para que modelos sejam fortalecidos ou enfraquecidos.

Assim, tendo em vista que tanto as mulheres como os homens sofreram mudanças incontestáveis em relação aos papéis de gênero desempenhados por cada sujeito, e apenas os homens estariam em crise, procuramos reformular esta suposta crise da identidade masculina como uma crise de poder. Enquanto as mulheres estariam ocupando cada vez mais os espaços da vida pública (antes ocupados apenas pelos homens), os homens estariam em uma crise de identidade, pois não estariam

assimilando as novas performances de gênero. Diante destas novas performances que envolvem sobretudo um maior contato com a casa, os filhos, o espaço doméstico, estes “novos homens” se veriam perdidos em meio a esta experiência.

Falar de uma crise de identidade masculina também se torna um assunto complicado, na medida em que reconhecemos que há múltiplos modelos para que os homens possam vivenciar suas masculinidades, como vimos no capítulo anterior. Por isso, acreditamos que seja praticamente impossível encerrar uma identidade masculina única, insolúvel e estável, pois as subjetividades que cada sujeito carrega consigo são múltiplas, um produto de um complexo jogo de submissão e reiteração.

A subjetividade é fabricada e modelada no registro social, mas os indivíduos vivem essa subjetividade tensivamente, reapropriando-se dos componentes fabricados e produzindo formas de individualização, criando outras maneiras de ser. Se só houvesse submissão, não haveria necessidade de reiteração. Acontece que não há agenciamento completo das subjetividades pelo poder: há um permanente entrelaçamento móvel entre as forças de territorialização e as desterritorialização, ambas agindo e provocando contradições. Como consequência desses movimentos, as identidades não são rígidas nem acabadas. (GREGOLIN, 2007, p. 55).

Bonácio (2012) explica que há um movimento contínuo de identificação, contra identificação e desidentificação, o que revelaria não haver uma identidade estável como regime. Sendo assim, a suposta “crise masculina” nada mais é que uma crise de poder na medida em que hoje os lugares que durante séculos foram destinados aos homens por direito, são ocupados também pelo sexo oposto. Assim, se o modelo de masculinidade hegemônico passa por alterações, acreditamos que são estas alterações que representam de maneira mais clara essa crise de poder. Estas mudanças são claras, e cada vez mais expostas pela mídia, artigos, livros entre outros meios. Porém, longe de representar uma crise de identidade masculina, tais transformações somente mostram uma crise de poder, na qual os homens não conseguem conceber os novos papéis de gênero. A questão é, “Os homens de hoje pretendem carregar por muito tempo ainda esta carga milenar, ou vão desejar se livrar desse peso, com risco de renunciar às suas vantagens?” (COURTINE, 2013, p. 12).

A constituição da Identidade Metrossexual

Na atualidade debate-se cada vez mais a questão das identidades, antes consideradas sólidas e fixas, atualmente o debate sobre as identidades entrou para o rol de problemáticas debatidas em torno da sociedade contemporânea. Os sujeitos são

configurados por novas maneiras de se posicionar, agir e pensar, abrindo mão das verdades imutáveis e valores absolutos, cedendo espaço às mudanças que fazem da atualidade o panteão da efemeridade e da liquidez das coisas (BAUMAN, 2003; 2007 apud BONÁCIO, 2012).

Para Gregolin (2007), os indivíduos vivem as subjetividades de forma tensiva, reapropriando-se dos componentes fabricados e produzindo formas de individualização, criando outras formas de ser e **viver**³. Na trajetória de construção das identidades, os sujeitos que vivem essas subjetividades dialogam com diversas práticas, representações, algumas vezes hegemônicas ou contraditórias, criando em seus cotidianos estratégias de ação em meio aos limites e possibilidades da dinâmica social. Nesse processo, eles se movem de um âmbito a outro, em meio às várias classificações identitárias nas quais reafirmam e resignificam marcas sociais, convenções e resistem, em um embate social contínuo.

Assim, pensar a construção das identidades na atualidade não é um processo desprovido de dificuldades e especificidades. Nesse sentido, devemos levar em conta o aspecto construtivo das identidades; as identidades não existem por si só, não possuem um conteúdo auto-idêntico, capaz de atuar como descritivo dos sujeitos que pretendem nomear, pois tal processo dá-se em um campo potencialmente ilimitado a partir de um mecanismo de diferenciação, operando mediante exclusões que lhes são intrinsecamente características. (BUTLER, 2003 apud FRANÇA, 2007, p. 230).

Assim, se as identidades são construções legitimadas a partir de vários fatores sociais, econômicos e culturais, também é pertinente o debate sobre a questão da identidade de gênero e os desdobramentos que a compõem. Antes percebida como um aspecto biológico, ligada ao corpo anatômico e à sexualidade, hoje é percebida como uma construção cultural. Isso implica pensar as questões de gênero que permeiam os processos de construção identitária.

Assim, propomo-nos a pensar aqui questões relacionadas à constituição da “identidade metrosssexual”. Como vimos anteriormente, existem múltiplas maneiras de se vivenciar a masculinidade; no entanto, dentro desta categoria, podemos operar com segmentações que distinguem as masculinidades hegemônicas e as subalternas, ou marginalizadas. Sujeitos percorrem suas trajetórias de vidas dialogando com todas elas; contudo, pode-se afirmar que os grupos de categorização centrados em uma

³ Adição do autor.

masculinidade hegemônica podem ser apontados, dentre aqueles que se identificam fortemente com o gênero masculino.

Entre os embates enfrentados pelos sujeitos, em específico, aqueles identificados como homens, encontram-se aqueles relacionados a disciplinas dos corpos, a fim de se aproximarem do modelo ideal hegemônico. Temos aqui um processo de socialização em que, desde cedo, meninos são ensinados a se adequarem ao padrão heteronormativo. E aqueles que não conseguem se adequar, passam a ser enxergados como desviantes, portadores de masculinidades não-hegemônicas ou subalternas (CONNELL, 1995).

De modo mais detalhado, temos múltiplas maneiras de vivenciar a masculinidade, em um jogo de transação com as práticas e valores construídos como ideais. No entanto, as modificações pelas quais a sociedade tem passado, fazem com que certos paradigmas referentes à disciplina corporal, a gênero e sexualidade também se modifiquem.

Desse modo, com o peso da obrigação de ser homem aos moldes pré-estabelecidos pela heteronormatividade, com o avanço dos movimentos feministas e, conseqüentemente, com a cada vez maior inserção da mulher no mercado de trabalho – realizando atividades outrora destinadas apenas aos homens – e, por fim, com as mudanças na vivência da masculinidade, fala-se de uma “crise masculina”, o que tem contribuído para novas/outras representações do masculino. (JÚNIOR; CANCELA, 2012, p. 21).

Como foi tratado anteriormente, o sujeito masculino, na sociedade pós-moderna, começa a somar preocupações; e com a privação de suas estabilidades tradicionais, ele fica angustiado, em busca de equilíbrio ante tantas novidades (BONÁCIO, 2012).

Márcio Souza (2009) traz um ponto interessante a respeito dessas transformações. Ele diz que esse homem que se configura na atualidade é fruto de uma temporalidade marcada pela ressignificação constante entre masculino e feminino, pois “se vivemos em um novo tempo, um novo padrão de comportamento em bases não tradicionais e mais flexíveis, se faz emergente” (p. 133). Se antes o ideal da imagem masculina era o de um homem que não demonstrava seus sentimentos, não chorava, investia seu tempo e dinheiro em carros, jogos, bares, e não possuíam nenhuma ou raríssima preocupação com a aparência (ou seja, qualquer roupa servia e combinava com tudo); hoje, essas imagens têm sofrido alterações importantes.

Na atualidade, a ligação do homem com o cuidado de seu corpo permeia a vivência e a fabricação de seus corpos, no que diz respeito não apenas a sua forma física, mas também à estética da pele, das roupas, dos cabelos, entre outras

preocupações; fabricando um estilo mais elaborado de si. Cada vez mais aumenta a frequência de homens em salões de beleza, centros estéticos, para que sua boa imagem seja consumida por si e pelas outras pessoas. No século XXI, o homem é percebido como um consumidor que, sem muitas restrições, consome de carros e motos a cremes e hidratantes corporais, além de ter uma maior liberdade quanto à expressão de seus sentimentos, sem sofrer a mesma repreensão sofrida outrora. Logo, nesse contexto, ele pode vivenciar atitudes antes relacionadas apenas às mulheres. (JÚNIOR e CANCELA, 2012, p. 21-22).

Levando em consideração esses aspectos, queremos aqui chamar atenção para o papel do consumo na construção destas novas identidades masculinas. De modo geral, sabe-se que o consumo se torna-se uma arena onde as identidades são gestadas. “(...) o consumo, portanto, torna-se uma arena na qual se constroem, afirmam e deslocam subjetividades.” (FRANÇA, 2007, p. 232).

Contudo, neste cenário, questões relacionadas à identidade de gênero tomam uma proporção maior, na medida em que há uma hibridização de valores tidos como femininos e masculinos. Nesse aspecto, algumas investidas sobre gênero enfocam a construção da identidade e a sua relação com o consumo, considerado um dos fatores mais relevantes na construção das identidades. (OLIVEIRA e LEÃO, 2011).

Neste contexto, notamos que, dentre essas novas possibilidades de vivência da masculinidade, surge a “identidade metrosssexual”, termo que para Oliveira e Leão (2012) evoca uma identidade de gênero que se baliza em certos padrões de consumo para se autenticar.

A primeira utilização do termo metrosssexual foi no artigo intitulado “Here comes the mirror men”, do jornalista Mark Simpson, publicado em 1994 no jornal *The Independent*. No entanto, é em 2002 que o termo ganhou uma popularidade, com o artigo “Meet the metrosssexual”, do mesmo autor. Na descrição de Simpson, o metrosssexual é um homem jovem, bem remunerado, que habita ou trabalha numa metrópole, local onde se situam as melhores lojas. (OLIVEIRA; LEÃO, 2012, p. 264). Esse homem metrosssexual, segundo Garcia (2004), costuma gastar uma quantia superior a 30% de sua renda em cosméticos, roupas, salões de beleza e clínicas estéticas, além de passar um bom tempo em shoppings.

A indústria parece estar atenta a este fenômeno há algum tempo, e mais do que atenta, é no bojo da indústria da moda e da beleza que esta construção se reproduz e se

sustenta, já que cada vez mais se lançam novos produtos destinados a esse homem, o que estimula de alguma maneira o consumo masculino. Esse cenário tem proporcionado um crescimento no consumo nos últimos dez anos, em torno de aproximadamente 17% ao ano (GARCIA, 2004). Como vimos no item anterior, há o debate sobre um novo homem que se configura na contemporaneidade, este por sua vez tem como uma de suas definições a metrossexualidade.

O termo metrossexual, criado e usado desmedidamente para dar conta desse novo homem mais preocupado com a saúde, a beleza estética e o modo de cuidar do seu corpo e das roupas que veste, fez nascer a idéia de que todo homem poderia ter uma preocupação estética consigo, tal como fazem as mulheres, sem, no entanto, perder um grau sequer da sua masculinidade, ou seja, sem colocar em risco a sua identidade e muito menos a sua preferência sexual. (SILVA, 2006, p. 127).

Acreditamos que o termo metrossexual seja realmente usado de maneira desmedida, pois ele é usado para dar conta de um homem universalizado nos termos de um “Novo Homem”, não se levando em conta as várias subjetividades e vivências individuais de cada sujeito. Como uma construção estereotípica que espelha uma das diversas maneiras de se vivenciar a masculinidade, mais especificamente as que se ligam diretamente ao consumo.

Já em relação à segunda parte da citação, acreditamos que uma suposta “experiência metrossexual” ultrapassa o plano das ideias, ou seja, alguns homens podem e vivenciam suas preocupações estéticas, tal como fazem as mulheres, o que não significa que sua orientação sexual vá ser alterada. Assim, os metrossexuais se veem como homens que possuem um senso estético apurado e acreditam que o cuidado com o corpo, o cabelo e a pele, dentre outras preocupações estéticas, não afetam sua orientação sexual.

Ao falar desse metrossexual, abordamos o aspecto do consumo ligado à constituição de sua identidade. Mas será que o consumo seria uma característica única na construção desse metrossexual? Seria possível definir a metrossexualidade somente a partir de seu desejo e volume de consumo? Pensando um pouco esses aspectos, acreditamos que devemos olhar e compreender esse fenômeno como parte de um plano mais dilatado, no qual mudanças econômicas, culturais e sociais convergem-se no processo identitário dos sujeitos.

Em meio a essas mudanças, alguns debates tratam a metrossexualidade como uma identidade cultural pós-moderna, que advém de uma possibilidade de consumo,

que só se realiza em um determinado contexto espaço-temporal, a saber, na “sociedade pós-moderna de consumo”. (OLIVEIRA e LEÃO, 2012, p. 265). Logo, sabemos que o metrosssexual tem suas bases fincadas no consumo, mas procuraremos compreender um pouco mais sobre o papel deste na constituição de tal identidade.

Na contemporaneidade, o consumo abre-se para novas perspectivas, na qual a sua concepção utilitarista é questionada. Isso significa que a forma como o indivíduo consome não estaria mais ligada à provisão de necessidades, mas mais estritamente à questão de gostos, estilos de vida e à maneira como se mostram a si próprios e para o mundo. É de Baudrillard tal concepção (2003 apud OLIVEIRA; LEÃO, 2011), para quem a identidade moderna é melhor compreendida por meio da ideia de consumo. Segundo ele, selecionamos uma identidade para nós mesmos na vitrine do mundo social pluralizado; deparamos reflexivamente com ações, experiências e objetos como parte da necessidade de construir e manter a própria identidade. Nessa perspectiva, o consumo passa a ter significado, não apenas o consumir por necessidade de suprir algo, mas consumir como ato de significar na sociedade. Entendendo que o consumo assume papel central na construção da identidade, já que este carrega significados simbólicos que, por sua vez, definem pertencimento, fica claro o papel do consumo na fabricação do corpo do metrosssexual.

Seguindo o raciocínio sobre a constituição do metrosssexual, percebemos também uma grande importância do corpo na construção deste. O corpo fala; exhibe nossos desejos, posicionamentos políticos e pertencimentos; ele também é escrito e, por isso, passível de (re) apropriação/ões, (re) elaboração/ões e (re) leitura/s. (JÚNIOR e CANCELA, 2012, p. 22). Nesse sentido, o corpo se transforma em uma forma de linguagem que interage com o mundo, inserindo os sujeitos em espaços, tempo, cultura, entre outras esferas que contribuem para a (re) construção das identidades.

A publicidade é uma das responsáveis pela importância dada ao corpo na constituição dessa identidade. A mídia é parte cativa na construção do corpo do metrosssexual, que é espetacularizado como um corpo desejável. Para Gregolin (2007), as identidades funcionam como etiquetas e disciplinamento do corpo social; mas para os sujeitos tomarem isso para si, é preciso que seja algo agradável, por isso a mídia espetaculariza o corpo, mostrando-o belo, saudável, uma verdadeira atração. Por meio da publicidade, a mídia direciona-se a determinados públicos, fazendo com que estes consumidores/as acreditem que signos como beleza, sucesso, confiança, virilidade e

poder são necessários para suas construções enquanto sujeitos, o que acaba por fomentar o consumo dos produtos que carregam estes significados. Ao criar símbolos que nutrem o imaginário sociocultural, a mídia acaba modelando as condutas e os estilos de vida. Os sujeitos adotam esses fatos como verdades e os internalizam, uma vez que quem legitima as significações são as instituições reconhecidas socialmente e acreditáveis, como a medicina. A sociedade midiática, na atualidade, está obcecada pela atração tramada, sendo conduzida por valores efêmeros, de modo que estamos vivendo na sociedade do espetáculo, em que tudo é colocado como show. (GREGOLIN, 2003).

Nesse cenário, ~~onde~~ a mídia, por muitas vezes, através da publicidade, veicula imagens de corpos esculturais que carregam significados de poder, por conta da maneira que como são expostos, “O metrossexual desenvolve e vivencia uma “nova/outra” performance masculina, a qual está também fundamentada na “fabricação” do seu corpo” (JÚNIOR e CANCELA, 2012, p. 24). Essa fabricação dá-se por meio do consumo de roupas, sapatos, cosméticos, automóveis, academias, livros, revistas, viagens, videogames, shoppings, entre vários outros gastos que fabricam os corpos a atuarem na performance masculina dos metrossexuais. Estes corpos fabricados agem, performam na criação de uma imagem que, de alguma maneira, é a abertura para novas aproximações, sociabilidade; uma maneira de estar, reconhecer-se e ser reconhecido pelos demais.

A figura “dos metrossexuais” é representada como a do homem que realiza diversos procedimentos para fabricar seu corpo desejável, que chame atenção, que seja mais uma característica a seu serviço na hora de se relacionar com as demais pessoas.

Para o metrossexual o que importa não é o esconder-se, mas o mostrar-se, o aparecer para ser desejado. Primeiramente, desejado por si – pois o metrossexual recorrentemente é identificado pelas pessoas, no senso comum, com o termo narcisista – e depois pelos outros. O metrossexual está no mostrar-se, no expor-se, haja vista que o padrão de beleza existente hoje se inscreve em propriedades fetichistas de um corpo imagético, sensual, desejado. (JÚNIOR e CANCELA, 2012, p. 28).

Na contemporaneidade, em que a imagem é soberana, “o metrossexual “aparece”, mostra-se, pois tem confiança no corpo que produz”. (JÚNIOR; CANCELA, 2012, p. 28). Entendendo o metrossexual como uma nova/outra performance masculina, que tem no consumo as bases da fabricação de seu corpo, não poderíamos deixar de ressaltar o papel da comunidade gay na construção desta relação masculina com o consumo e a consciência estética, da qual a comunidade gay é pioneira no âmbito

masculino. Na atualidade, o universo do consumo de roupas de grifes, cosméticos, sapatos, bolsas, perfumes, revistas e a cobertura da mídia especializada têm colocado os holofotes sobre os homens, mostrando que eles são tão vitais para a indústria quanto às mulheres.

De certa forma, isso tem crescido além da influência da comunidade gay, que sempre estabeleceu normas de consciência estética para roupas e estilo. A partir do momento em que a homossexualidade foi aceita pela sociedade, os homens passaram a ter prazer em consumir moda, mas também em exibir um visual altamente sofisticado, que pode ser visto nas revistas e na publicidade. (BLACKMAN, 2014).

No entanto, acreditamos que mesmo este crescimento não tendo mais a influência direta do consumo e do senso estético da comunidade gay, o caminho que elevou a relação homem e consumo ao patamar que ocupa hoje, teve como precursora a comunidade gay.

Sabendo disso, nos propomos a entender o metrosssexual como uma masculinidade intermediária localizada entre o modelo hegemônico tradicional e o modelo subalterno gay. Nesse sentido, para pensarmos a relação entre estas (essas) três performances masculinas, buscamos nos alinhar com os pressupostos das chamadas teorias queer, que buscam compreender as vias em que práticas sexuais, corpos sexuados e desejos, se desestabilizam por não estarem alinhados. Essa desestabilização é causada por uma multiplicidade de superfícies corporais e práticas que extrapolam as escassas categorias contidas no sistema heteronormativo. (MOORE, 1999 apud MARTINEZ, 2009, p. 49). “Nestes casos, a performance de gênero possui uma dimensão subversiva, em que os espaços fora da matriz heterossexual revelam a instabilidade das representações sociais de gênero e a sua natureza imitativa através da noção de paródia.” (MARTINEZ, 2009, p. 49).

Assim, o metrosssexual é uma representação intermediária no espectro entre masculinidades hegemônicas e subalternas, pois de um lado, aproxima-se da figura do gay (na medida em que se liga a um imaginário que o coloca como portador de um senso estético apurado para o consumo)⁴; de outro, aproxima-se da figura do heterossexual, na medida em que possui o alinhamento entre desejo e anatomia. Por isso, acreditamos que a metrosssexualidade se constituiria como um modelo possível de

⁴ Isso não significa, contudo, que a vaidade não possa ser um atributo ligado à heterossexualidade. Mas estamos nos referindo a um imaginário social (um estereótipo) que coloca a heterossexualidade masculina como dissociada do consumo, este um atributo ligado diretamente ao feminino. (MARTINEZ, 2009).

se tornar hegemônico haja vista ser uma representação e uma performance heteronormativa.

Para entender melhor a metrossexualidade no espectro da dinâmica interna das masculinidades, precisamos retomar os termos de Demetriou (2001 apud CONNELL, 2013), que identifica duas formas de hegemonia, uma interna e outra externa. A hegemonia externa refere-se à esfera institucional da submissão feminina em relação aos homens; e a hegemonia interna refere-se à elevação social de um grupo de homens sobre todos os outros. Ele ainda argumenta que as relações entre as duas formas são pouco perceptíveis na formulação original do conceito e não abordado de maneira específica nos usos recorrentes do conceito.

Para além, a hegemonia interna foi entendida como uma forma, tipicamente “elitista”. Isso quer dizer que masculinidades subordinadas e marginalizadas são vistas como não tendo nenhum impacto na construção da masculinidade hegemônica. Masculinidades não hegemônicas existem em tensão com, mas nunca penetram ou impactam a masculinidade hegemônica. Há, então uma representação dualística das masculinidades. (CONNELL, 2013, p. 260-261).

Segundo Demetriou (2001 apud CONNELL, 2013), esta abordagem mais elitista da hegemonia interna deixa escapar o que seria o seu “pragmatismo dialético”, isto é, o processo pelo qual a masculinidade hegemônica se apropria e coopta outras masculinidades (subalternas ou não), não diferenciando o quanto isso pareça pragmaticamente útil na continuidade da dominação. Tendo como resultado um “bloco histórico” que envolve uma rede de padrões múltiplos, dos quais o hibridismo se configura como a melhor forma para a manutenção da hegemonia externa. Essa dialética gera um processo constante de negociação, tradução e reconfiguração.

Essa conceitualização leva a uma visão diferente da transformação histórica nas masculinidades. A masculinidade hegemônica não se adapta simplesmente às condições de transformação histórica. Em vez disso, o bloco masculino hegemônico é uma hibridização cuja apropriação de elementos diversos o faz “capaz de se reconfigurar e adaptar às especificidades de novas conjecturas históricas”. (DEMETRIU, 2001 apud CONNELL, 2013, p. 261).

Conclusão

Pensando assim, acreditamos que o pragmatismo dialético captura a influência recíproca das masculinidades umas sobre as outras. Assim, os padrões de masculinidade hegemônica podem ser alterados ao incorporarem elementos de outras masculinidades. Contudo, apesar de provocar esta transformação na masculinidade hegemônica, suas

estruturas mais concretas não seriam alteradas. Isso significa que embora o metrosssexual se aproprie de aspectos da masculinidade gay, embaçando as práticas de gênero, isso não enfraquece o patriarcado ou mesmo os princípios da heteronormatividade. Ou seja, percebemos um movimento dialético no qual a apropriação descrita acima atua como uma antítese com relação à masculinidade hegemônica (tese), possibilitando aí a constituição da síntese, representada pelo processo de hibridização. Sendo assim, acreditamos que se constitua um paradoxo, no qual a masculinidade hegemônica apropria-se de aspectos das masculinidades subalternas e marginalizadas, não só para a manutenção da hegemonia externa, mas também para a manutenção da hegemonia interna, o que acaba por gerar um processo no qual as estruturas de poder são mantidas pela atuação dos agentes envolvidos no processo, sejam eles subalternos ou não. Esse processo acaba por gerar uma relação em que o opressor utiliza das experiências dos oprimidos para realizar a manutenção do poder.

É dentro desta perspectiva que compreendemos a figura do metrosssexual no espectro das masculinidades: como uma masculinidade intermediária e híbrida que rumo em direção à hegemonia.

Referências

- ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de Si**. Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade, Lisboa, Fim de século, 1995.
- ALVES, Maria de Fátima Paz. Masculinidade/s: considerações a partir da leitura crítica de alguns textos que focalizam homens. **Revista Ártemis**, n. 3, dez. 2005.
- BADINTER, Elisabeth (1996), **X Y: A Identidade Masculina** (2.^a ed.), Lisboa, Editora Asa, 1996.
- BLACKMAN, Cally. **100 anos de moda masculina**. São Paulo: Publifolha, 2014.
- BAUDRILLARD, J. apud OLIVEIRA, Michele Araújo da Costa et al. A constituição da identidade metrosssexual pelo consumo. **Revista de Negócios**, Blumenau, v. 16, n. 1, p.87-111, 2011.
- BAUMAN, Z. **A Sociedade líquida**. Folha de S. Paulo, domingo, 19 de outubro de 2003. Mais!
- BONÁCIO, D. Representações da masculinidade em crise: legados pós-modernos. In TASSO, I., NAVARRO, P. (orgs). **Produção de identidades e processos de**

subjetivação em práticas discursivas [online]. Maringá: Eduem, 2012. p. 231-258.

ISBN

BOTTON, Fernando Bagiotto. As Masculinidades em Questão: Uma Perspectiva de Construção Teórica. **Revista Vernáculo**, n. 19 e 20, 2007.

BUTLER, Judith. Apud FRANÇA, Isadora Lins. Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 227-256, 2007.

CALDAS, Dario (Org.). **Homens**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1997.

CONNELL, Robert. **Masculinities**. University of California Press, Berkeley-Los Angeles, 1995a.

CONNELL, Robert. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, v. 20, n.2 2,185-206, 1995b.

CONNELL, Robert. ; MESSERSCHMIDT, James. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, 2013, v. 21, n.1, p.241-282.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da virilidade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

CUNHA, Getúlio Nascentes. Apresentação. In: OPISIS: Dossiê Masculinidades. **Catalão**, v.13. n. 2, 2013.

DEMETRIOU, D. Z. apud CONNELL, Robert et al. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, 2013, v. 21, n.1, p. 241-282.

FRANÇA, Isadora Lins. Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 227-256, 2007.

GARCIA, W. O corpo contemporâneo: a imagem do metrosssexual no Brasil. Mneme – **Revista de Humanidades**, Natal, v.5, n.11, p.198-213, jul./set. 2004.

GIFFIN, Karen. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. **Ciência e Saúde coletiva**, v. 10, n. 1, p. 47-57, 2005.

GREGOLIN, M. R. V. Apresentação. In: GREGOLIN, M. R. (org.). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

GREGOLIN, M.R.V. Discurso, História e Produção de Identidades na Mídia. In: FONSECA-SILVA, M. C. e POSSENTI, S. (orgs.). **Mídia e Rede de memória**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. Antropologia em **Primeira Mão**, v. 75, p. 1-37, 1995. Disponível em: <http://www.antropologia.ufsc.br>. Acesso em: 12 jun. 2015.

- JÚNIOROLIVEIRA, Edyr Batisa de. CANCELA, Cristina Donza. **Que corpo é esse?** O metrosssexual em debate. Ver. NUFEN [online]. v.4,n.1, janeiro-junho, 20-33,2012.
- KIMEL, M. S. Homofobia, temor, verguenza y silencio em la identidad masculina. In: In: VALDEZ, Tereza; OLAVARRIA, Jose. (org.) **Masculinidades, poder e crisis**. Chile, Isis Internacional, 1997, p.49-52.
- LOURO, Guacira. **Currículo, Género e Sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2000.
- MARTINEZ, Fabiana Jordão. **De menina a modelo, entre modelo e menina: gênero, imagens e experiências**. 2009. 414 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- MOORE, Henrietta. Apud MARTINEZ, Fabiana Jordão. **De menina a modelo, entre modelo e menina: gênero, imagens e experiências**. 2009. 414 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- NOLASCO, Sócrates. Um Homem de Verdade. In: CALDAS, Dario (org). **Homens**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1997.
- OLIVEIRA, Michele Araujo da Costa; LEÃO, André Luiz Maranhão de Souza. A constituição da identidade metrosssexual pelo consumo. **Revista de Negócios**, Blumenau, v. 16, n. 1, p.87-111, 2011.
- OLIVEIRA, Michele Araujo da Costa; LEÃO, André Luiz Maranhão de Souza. Sendo aos olhos do outro: o papel da alteridade na construção da identidade metrosssexual. **Revista de Administração**, [s.l.], v. 47, n. 2, p. 264-274, 2012. Business Department, School of Economics, Business & Accounting USP.
<http://dx.doi.org/10.5700/rausp1038>.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: **Educação e Realidade**, 1995, pp. 71-99.
- SILVA, Sergio Gomes da. **A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista**. In Psicologia: Ciência e Profissão. Brasília: Conselho Federal de Psicologia. Março de 2006, v. 26, n. 1, p.118-131.
- SOUZA, M. F. de. As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a (s) masculinidade(s). **Mediações**, v. 14, n. 2, 123-144, 2009.

Recebido em novembro de 2019.

Aprovado em Dezembro de 2019.